

Realidade

Aquilo que chamamos de realidade é formado apenas por nossa percepção. Por exemplo, ao entrarmos em um quarto e não percebermos que há nele uma televisão, fará esta, parte de nossa existência? A pergunta pode ainda ser mais profunda: existe no referido quarto uma televisão? O que escapa de nossa percepção compõe de fato a realidade ou esta é formada pelo que percebemos (ou até criamos)?

Essas indagações podem parecer estranhas, mas há uma razão para esses questionamentos. Há quem pense que é a nossa mente que cria a realidade ao nosso redor, que ela não é uma coisa preexistente como normalmente se acredita. A ideia de que o que nos cerca pode estar sendo criado por nós segundo a segundo, não é tão absurda quanto pode parecer. Os contornos do real não são tão claros quanto estamos acostumados a pensar. Para tentar demonstrar, analisemos o que nos cerca com o sentido da visão e nos concentrando no escopo da cor. Imagine uma floresta típica, podemos dizer que nela a coloração predominante é o verde. Entretanto, essa não é exatamente a verdade. As cores, como todas os componentes da realidade, dependem de nossa percepção (ou criação). Um grande amigo meu, que já faleceu, sofria de daltonismo e ao ver uma árvore sempre a enxergava na tonalidade vermelha. A maneira como o cérebro faz a leitura do que nosso aparato ótico capta era diferente no que diz respeito às pigmentações para esse meu amigo. Esquecendo o fato estatístico de que a maioria das pessoas não é daltônica, ou seja, que elas vêem as folhagens com coloração verde, não podemos afirmar de que matiz elas realmente sejam, pois isso não depende só da frequência dos raios luminosos, mas também do observador. O ponto aqui é precisamente este: o observador. Cada um deles possui uma realidade diferente, cada um constrói uma versão própria dela mesmo que se considere que algo de concreto existe. Por esse motivo não podemos assumir a cor predominante nas folhas como sendo algo fixo e determinado. O daltonismo pode ser uma excepcionalidade, mas não se pode afirmar que haja uma coloração correta para as árvores ou uma essência correta para qualquer coisa. Por ser um campo rico de comparações, vamos explorar mais as tonalidades.

De que cor você acha que é o céu? Azul de dia e preto à noite? Isso pode ser verdade para um espectador na Terra, que não seja daltônico, nem possua algum problema de saúde que distorça sua visão, mas, independentemente disso, o aspecto do céu depende principalmente da refração da luz nas camadas da atmosfera, portanto, em outro planeta, com outra atmosfera, seu aspecto luminoso será diferente. Por exemplo, visto de Vênus, sondas já comprovaram que o céu apresenta-se na cor rosa. Não só o espectador, mas também sua localização influencia a percepção desse peculiar aspecto da realidade.

Se alterarmos a espécie a que pertence o observador também obteremos surpresas. A maioria dos animais não consegue distinguir as frequências dos raios luminosos, enxergando apenas em preto e branco. O pano vermelho que se sacode em uma tourada, por exemplo, serve para agitar a plateia e não o touro, que só consegue perceber o movimento do objeto a sua frente e não sua cor. Por outro lado, sabemos que existem animais que possuem um número maior e mais variado de células receptoras em seus olhos do que os humanos, como os pombos e, de forma ainda mais acentuada, as águias, que possuem cerca de cinco vezes mais células fotorreceptoras em seus olhos do que nós. Isso lhes confere uma percepção extremamente nítida das colorações. Além disso, a possante lente que possui os olhos das aves de rapina permite ajustar o foco rapidamente entre objetos a curta e a longa distância conferindo a elas o poder de perceber uma versão mais nítida e de forma mais rápida do ambiente ao seu redor, do que seria a nossa no mesmo extrato da realidade. E não podemos esquecer das corujas que à noite possuem uma visão ainda mais impressionante, pois seus olhos possuem numerosos bastonetes que são células sensíveis à luminosidade, além de um cristalino com superfície muito grande.

Por tudo que já dissemos é fácil entender que independente do conceito de realidade, não existe uma só versão dela, ao contrário, cada um possui a sua. O que nos escapa ao compormos a nossa fatia do real pode ser imensamente maior do que o que captamos, como se só vissemos a ponta de um iceberg. Isso não ocorre somente com a visão, mas com todos os sentidos, pois da enorme quantidade de informação a que somos expostos a cada segundo somente uma pequena parcela chega a nossa consciência. Por outro lado, em algumas situações, somos capazes de fazer o contrário, ou seja, de incrementar a realidade com nossa

imaginação, ou pior, com nossos preconceitos. Várias experiências já demonstraram que ao apreendermos a nossa parcela da realidade, ou seja, ao nos tornarmos conscientes de uma determinada situação, acrescentamos elementos que nem sempre pertencem a ela. Muitas vezes percebemos situações de forma equivocada por que ao serem reconhecidas as comparamos com os modelos que já povoam nossas mentes. O preconceito também afeta nossa verdade, pois ao vermos uma cena a analisamos estabelecendo comparações e fazendo julgamentos. Dessa forma, podemos confundir um ato de solidariedade com um roubo e vice-versa.

Fazendo um aparte, um famoso jurista alemão, chamado Hans Kelsen, defendia a chamada Teoria Pura do Direito tendo produzido diversos textos com a tese de que era possível analisar uma situação sem influências externas, apenas com as normas do direito, sem convicções de qualquer espécie. Dizem alguns estudiosos que, mesmo tendo trabalhado por toda sua vida e defendido essa ideia, ao final de sua carreira cedeu ao fato de que isso era impossível de ser efetuado. Sempre analisamos os fatos com as ferramentas que dispomos, sendo assim, ao tomar conhecimento de uma determinada situação concreta, não é possível evitar um julgamento prévio, uma comparação com nossos próprios paradigmas. Ao sermos informados de um determinado evento, instantaneamente estabelecemos uma opinião sobre ele, ainda que não tenhamos consciência disso. O cérebro tem o condão de alterar a percepção dos nossos sentidos, pois ele interpreta toda a informação a que é submetido antes de armazená-la e isso, tal e qual a tradução de um texto antigo, ao passar pelo nosso processo de compreensão, leva a uma versão de um fato e não ao fato em si.

Outro fator que altera a nossa percepção do real é o tempo. Com frequência lembramos de coisas que não aconteceram, ou, pelo menos, que não aconteceram do modo como lembramos. Seja pela apreensão incorreta de um evento por uma ilusão de ótica, por uma falha química no cérebro ao registrar um fato ou recuperar uma lembrança, como no caso de um *déjà vu*, seja pela ação do tempo, ou ainda, por uma forma peculiar como a mente humana aloca informações baseada em um critério de relevância subconsciente, o fato é que distorcemos a realidade ao estabelecê-la. Vários experimentos realizados em ambientes controlados comprovaram que ao resgatarmos uma memória,

frequentemente, esta não descreve com precisão os fatos ocorridos. Pessoas que participaram de uma mesma atividade, quando interpeladas sobre ela, a relatam de forma ligeira ou até completamente diferente, sendo que esse efeito se intensifica com o passar dos dias. Como resultado de tais experiências, neurologistas e especialistas de várias áreas afirmam que nossas recordações não são material confiável para retratar os eventos que ocorreram em nossas vidas.

O que se pretende demonstrar aqui é que, independentemente de persistir ou não uma realidade preexistente que independa de nossa consciência, nós não somos capazes de alcançá-la em sua forma natural. Talvez subsista alguma essência, concreta ou abstrata, da qual extraímos a realidade conforme o nosso grau de percepção, conforme discorreu Jung, mas seguramente não é o que chamamos de real. Por outro lado, talvez esse substrato da efetividade, essa substância, nem exista e sejamos a fonte primária da qual se origina a própria percepção, nessa acepção seríamos de verdade os criadores do nosso Universo, pois o que chamamos de percepção seria na verdade um ato de criação.

Vamos, por um momento, considerar que o que reputamos concreto seja uma parcela de algo, uma versão menor do que existe, se é que realmente algo subsiste. Ainda assim, o real para nós seria aquilo que, de alguma forma, pudéssemos conceber, uma forma de inspiração.